

Editorial nº 10 - As dimensões do fim do mundo: contradições sociais, políticas e econômicas das grandes transformações históricas no século XXI

Nesta edição de **número 10** da **Revista Fim do Mundo**, apresentamos o Dossiê Temático “As dimensões do fim do mundo: contradições sociais, políticas e econômicas das grandes transformações históricas no século XXI”. O objetivo deste dossiê é refletir sobre o significado conjunto das últimas nove edições desta revista, surgida com o propósito de contribuir com a crítica da Economia Política e refletir sobre o atual estado do capitalismo mundial e da luta de classes. Este propósito não é inédito. Karl Marx já o havia trilhado no século XIX. É por isso que todos os trabalhos publicados na revista têm em comum o resgate das contribuições de Marx para refletir sobre os dilemas contemporâneos da humanidade.

Olhando para trás, nos deparamos com o esforço sistemático para abordar os temas que colocam a humanidade em estado de emergência. Temas estes que representam para nós fragmentos do fim do mundo e de um certo mundo do capital: a revolução tecnológica que cria o novo órgão da máquina, seu quarto órgão, nova força produtiva incapaz de reproduzir-se a contento sob os estreitos limites do capital; a catástrofe ambiental em que vivemos; o racismo e a práxis negra; o imperialismo e a nova ordem mundial; a dialética entre revolução e contrarrevolução; a situação da educação em suas graves dimensões atuais; a situação da classe trabalhadora na etapa de crise estrutural do capital; e, também, o colapso pandêmico que enfrentamos nos últimos anos a custa de muitas vidas de trabalhadoras e trabalhadores mundo afora.

Nossa chamada de trabalhos desta edição almejou incentivar o aprofundamento desta trajetória de forma mais ampla, como uma espécie de balanço sobre o fim do mundo e perspectivas para o futuro. A questão norteadora é: o que resta aos trabalhadores do mundo frente à perspectiva do colapso e da barbárie? Para cotejar estas perspectivas e caminhar para reflexão, abrimos a primeira parte deste editorial com a reprodução do manifesto de lançamento da Revista Fim do Mundo (2020). Posteriormente, o texto do Professor Paulo Alves de Lima Filho aponta algumas considerações a respeito da trajetória do periódico.



Editorial de lançamento da Revista Fim do Mundo

“(…) Aqui, meu pânico e glória
 Aqui, meu laço e cadeia
 Conheço bem minha história
 Começa na lua cheia
 E termina antes do fim
 Aqui é o fim do mundo
 Aqui é o fim do mundo
 Aqui é o fim do mundo
 Minha terra tem palmeiras
 Onde sopra o vento forte
 Da fome, do medo e muito
 Principalmente da morte (...)”

[Fim do mundo - Torquato Neto]

Fim do mundo

Pois estamos no fim de vários mundos, esta é a nossa conclusão. Outros nascem, mal deles sabemos.

Nascemos como fim do mundo, crescemos como desastre em processo, monumento à violência inaudita da desumanização plena sob o império do capital. Terra de escravizados comprados ou conquistados na guerra aos nativos desta ou doutras terras.

Finado é o Brasil. Mudou-se.

Finada a longa fase histórica que se inicia em fins do século XVIII com a Revolução Industrial, devido ao surgimento do quarto órgão da máquina – o órgão de controle - e seu personagem, o capital industrial microeletrônico, transformado natural-mente em novo capital financeiro, regente da nova ordem mundial do capital.

Finado é aquele mundo unipolar que se abre após a organizada falência da URSS. Ergue-se no oriente e com alguns aderentes ocidentais e mesmo um africano, um novo e poderoso polo geopolítico, prestes a tornar-se a expres-

são de uma nova primeira potência econômica mundial do capital, a China.

Finado é o movimento político do comunismo mundial, luta contra o qual alimentara a Guerra Fria, no pós-II Guerra Mundial. Finado é, pois, o ímpeto revolucionário e o prestígio de massas das antigas vanguardas intelectuais e políticas do comunismo e socialismo, assim como das demais forças da transformação social, democratas e patriotas populares.

Finada a fase desenvolvimentista do projeto capitalista para as ex-colônias e do assim chamado terceiro mundo em geral, tal como ocorrera no pós-II Guerra Mundial. Em seu lugar, se projetam, no Brasil, as forças da revolução da ultradireita pró-imperialista, antipopular, antidemocrática e antinacional. É a ultradireita a levantar, majoritariamente, hoje, o estandarte da revolução e proclamar-se revolucionária, agente de sua revolução na contrarrevolução, processo iniciado nos anos 60 e somente agora chegando ao seu ápice. Uma revolução



pró-controle exclusivo do capital sobre a reprodução social.

Finada e proclamada em 1964 a luta das burguesias brasileiras pela plena soberania econômica e política da nação, permanecerão estas, aconchegadas no colo da subordinação expandida, conquistada pela contrarrevolução vitoriosa.

Finada está, no Brasil, a quarta etapa da contrarrevolução proclamada em 1964, a assim chamada Nova República. O sentido da contrarrevolução, antes de tudo, foi a plena abdicção, por parte das classes proprietárias nativas, de lutar pela plena soberania econômica e política da nação. As forças do capital nativo, desde então, aquietam-se dentro do útero da subordinação ampliada, avançadas em alta monopolização, e hoje, em processo de desindustrialização e reprimarização. A revolução burguesa conservadora se cristaliza como regência sócioeconômica.

Finados a força e o prestígio, assim como as fontes teóricas do comunismo oficial, ocuparão seu lugar as forças pró-democracia, não revolucionárias, do movimento socialista e liberal social, abandonada a luta contra o capital e forças aliadas a ele.

No caso das ex-colônias ibéricas, esta matriz teórica abandona mais de um século de teorias da interpretação da particularidade dos capitalismo dali nascidos, forjadas pelas mais diferentes vertentes teóricas. Ao invés de se atestar a existência dos capitalismo da miséria vigentes em todas essas ex-colônias, transitou-se à concepção de que todos estes países podem, naturalmente, evoluir a capitalismo desenvolvidos, à semelhança dos europeus, bastando para

isso a luta democrática em marcos constitucionais, as políticas públicas emancipatórias e a distribuição de renda.

Finada está, nestes instantes, essa teoria evolucionista metafísica, do melhorismo socioeconômico, destruída pela força das determinações contrarrevolucionárias imanentes à formação histórica dessas nações. O caso do Brasil é o mais flagrante. Aqui, a luta democrática pós Constituição de 1988, em equívoco fatal, se auto concebeu como o fim da contrarrevolução de 64. A estratégia melhorista sonhou ser uma bandeira atravessando incógnita a floresta contrarrevolucionária. Teve ao seu dispor quatro mandatos presidenciais. Ao contar com o óbvio rechaço frontal das forças conservadoras, não soube também defender o núcleo central dos seus guerreiros, supondo ser o seu sacrifício a expiação suficiente para fazer avançar ainda mais o seu projeto, suas conquistas. Isso foi lido, pelos seus inimigos, como santo e senha para a revanche na guerra contrarrevolucionária. Abriram-se as portas para o fim do governo Dilma e a derrota das forças populares. A revolução na contrarrevolução, pode, assim, desde então, prosperar. Finado o prestígio das forças políticas tradicionais, emergentes da ditadura, assim como das novas forças a elas coligadas e as do melhorismo, a representação contrarrevolucionária desliza ao colo da ultradireita miliciana e pentecostal.

Finada está a Nova República, eleitas as forças da destruição do estado nacional, da liquidação dos direitos sociais das maiorias trabalhadoras e sua consequente miserabilização, da devastação ambiental a ser dominada pelos negócios, a avançar sobre a floresta amazônica e seus recursos naturais, da



liquidação da educação e da ciência nacionais, enfim, do trânsito geopolítico neocolonial ao campo da visão do mundo da ultradireita norte americana. Em suma, transita-se ao monopólio da exclusividade da regência do capital sobre a reprodução social. Opera-se, assim, fenômeno único na história ocidental contemporânea, para além da migração de pessoas, mas de um país, de modo voluntário e consciente, ao espaço geopolítico de outro, no caso, da potência declinante norte americana, por meio da outorga voluntária, unilateral e gratuita da soberania nacional.

Finada, também, a fase histórica da decência, da civilidade e bons modos da contrarrevolução, vigente desde que proclamada a Constituição de 1988, pois emergiu de suas entranhas a bestafera da ultradireita miliciana, que empalmou o poder executivo, capaz de implementar seu projeto político-econômico contra a Constituição e pela destruição sistemática e necessária da nação. Vamos sendo governados através do uso da mentira, da violência, da estupidez e da boçalidade.

Finada é, pois, a certeza de que teremos eleições em 2022. Mais parece é que o chefe miliciano se prepara para apequenar ou mesmo liquidar o STF e o governo democrático, expandir ao máximo o estado de exceção já existente, proclamando um novo ciclo demencial tirânico, sob a proteção dos militares e benção dos demais blocos golpistas, fingidamente constrangidos. Proclamam estarem mal com ele, mas piores sem ele. Nenhum dos blocos da revolução

em processo tem poder de veto sobre os demais, perdida definitivamente a anterior hegemonia das forças civilizadas pró capitalismo.

Navega a toda vela a *Barca do Inferno*, com seus quatro contingentes revolucionários a bordo, quais sejam, os militares, a monarquia miliciano-pentecostal, o conluio policial-judicial-midiático, e o congresso de capitalistas dominado pelas bancadas da bala, bola, bíblia, bulas, bois e basbaques em geral. Ao tentarem resolver, a seu modo, os dilemas do capital, conduzem o país e a si próprias ao suicídio.

Ninguém e nada, até o momento, impede ou impedirá o trajeto incrível dessa nau terrificante.

Nós, aqui, tudo faremos para apertar o carnegão dessa pústula que vai gangrenando nossa construção nacional coletiva, penta secular. Reiniciamos a luta pela revolução brasileira, aquela que nos conduzirá à segunda e plena independência, à soberania econômica e política da nação e à plenitude de direitos da reprodução da força de trabalho, sob a democracia das e para as maiorias, liquidando o pesadelo sem fim do capitalismo da miséria em que vegetamos. Este o objetivo central da Fim do Mundo.

Finado está o Brasil nascido em 1500. Nascidos como fim do mundo no Paraíso, fenecemos como fim do paraíso no mundo, transportados na Barca do Inferno para os EUA. O Brasil mudou-se para o nada.

Sáimos da era das catástrofes e entramos na era do colapso.

São Paulo, 14 de agosto de 2019.



Aqui é o fim do mundo: uma revista em busca da interpretação do Brasil e do mundo, para uma saída comunista da crise estrutural do capital (2020-2023) | por Paulo Alves de Lima Filho

Abre-se o primeiro número da nossa Revista Fim do Mundo (jan.-abr. 2020) com o manifesto *Fim do Mundo*¹, onde se definem as razões do seu nome, encabeçado pelo poema Marginalia II de Torquato Neto (“Aqui é o fim do mundo”). O centro do palco da história é ocupado pela eleição de Bolsonaro, que enseja um feixe de questões a serem interpretadas, que vão das razões de sua eleição e o seu enfrentamento político, das consequências geopolíticas e aos destinos da democracia, dos desafios postos aos comunistas emancipacionistas às perspectivas da transição a uma sociedade que supere o capitalismo da miséria e se coloque em transito anti-capital. É assim que já nesse número se começa a enfrentar essas questões no texto *Contra a síndrome de Neandertal*². Inicia-se o desvendamento do presidente eleito, dos pilares da contrarrevolução em marcha, do seu caráter radicalmente antinacional, assim abandonando os marcos do próprio Hino nacional da República, “retornamos ao nosso nada original” pelas declarações e atos de nosso mandatário “celerado da ultradireita”. Estávamos diante da vitória da revolução na contrarrevolução, vítimas do caráter da política das forças democráticas conservadoras que empalmaram a transição democrática. Enfim, “o Brasil nascido em 1500 acabou. O novo Brasil, o da segunda independência, radical e popular, começa a sua marcha hesitante.” Daí ser necessário “ocupar as ruas, as revistas e os livros, os corações e mentes dos humilhados e ofendidos pela nova ordem.” Era preciso ser anti-neandertal, decidir-se a enfrentar abertamente a revolução da ultradireita. Vivia-se a perplexidade com o rumo da nossa história, velhos e novos fantasmas assombravam o mundo das ideias e pesavam como montanhas sobre as questões práticas. Os novos teóricos corriam a produzir novas hipóteses, os mais antigos passavam a produzir sínteses de seus

¹ COMITÊ EDITORIAL. Fim do mundo. **Revista Fim do Mundo**, nº 1, jan. - abr. 2020, p. 8-18p. Disponível em: <https://doi.org/10.36311/2675-3871.2020.v1n01.p8-18>.

² LIMA FILHO, Paulo Alves. Contra a síndrome de Neandertal. **Revista Fim do Mundo**, nº 1, jan. - abr., p. 39-45. Disponível em: <https://doi.org/10.36311/2675-3871.2020.v1n01.p39-45>.



trabalhos e nossa revista prosseguia sua linha de interpretação. Esta, é bom que se diga, já vinha sendo desenvolvida há longo tempo³.

Ainda nesse número, desenvolvem-se as linhas traçadas nos dois textos já citados no manifesto *Golpe de Estado na Bolívia*, em especial o complexo de relações presentes na transição particular de uma revolução democrática radical e seus inimigos⁴.

Todos os temas em processo de aprofundamento continuarão na RFM nº 8, no trabalho *Levantados dos porões*⁵. Ali se precisa o caráter do processo histórico contemporâneo brasileiro - a revolução na contrarrevolução promove uma regressão colônial - e dos homens que compõem a vanguarda desse processo - o "cafajestismo delinquente". O projeto dos porões da ditadura empresarial-militar de 64 é o da "reconquista e ocupação de um território a ser subjugado e limpo dos recalitrantes, dos adeptos da velha ordem a ser exterminada". Ela se trata de uma "revolução antidemocrática radical". As forças da ordem conservadora, ao contrário, estão na defensiva e levantavam-se sérias dúvidas se estarão à altura de superar a avidez exterminista dos revolucionários antidemocráticos radicais. Entretanto, a questão democrática presente na superação radical e revolucionário-popular da democracia conservadora ficou obscurecida pela "teoria da revolução socialista", negadora de Marx. A tal ponto que nega a transição comunista e prepara, de fato, a transição ao capitalismo. Afirma-se

³ **IELA.** O desmonte da nação ou a revolução na contrarrevolução. 30 mar. 2016. Disponível em: <https://iela.ufsc.br/o-desmonte-da-nacao-ou-a-revolucao-da-contrarrevolucao/>. - aqui talvez um texto anterior importante. Outros temas foram desenvolvidos nos livros *Movimentos Sociais e Crises Contemporâneas* nºs 1, Uberlândia, Navegando, 2017, *Nossa dura caminhada pela história* (p.33-52); nº2 Uberlândia, Navegando 2017, *A sociedade comunista na visão de Marx e Engels* (PALF e Newton Ferreira da Silva, p.17-46), *Sobre as revoluções burguesas radicais: fundamentos de sua dinâmica e limites contemporâneos do capital* (p.47-74), Manifesto do IBEC – *A revolução piorista em marcha* (p.399-402) e nº3 Marília, *Lutas contra o capital*, 2018, *Prefácio* (p.11-18), *A falência da transição comunista e o retorno do capitalismo à Rússia – a propósito do 100º aniversário da revolução Russa*(p.27-48); *Manifesto e notas do IBEC. Moro e Lula no palco da prisão. Os dias finais.* (p.349-353).

⁴ IBEC. Manifesto: Golpe de estado na Bolívia. **Revista Fim do Mundo**, nº1, jan. - abr. 2020, p.175-180. Disponível em: <https://doi.org/10.36311/2675-3871.2020.v1n01.p175-180>.

⁵ LIMA FILHO, Paulo Alves. *Levantados dos porões.* Presente tenebroso, passado obscuro e futuro incerto: após o 1º turno das eleições presidenciais de 2022 – breves notas. **Revista Fim do Mundo**, nº8, jul. - dez. 2022, p.181-194. Disponível em: <https://doi.org/10.36311/2675-3871.2022.v3n8.p181-193>.



o caráter da nova era que se abre, sob o império das necessidades do novo capital produtivo financeirizado de base microeletrônica: “Pela primeira vez na história do capitalismo, surgirão novas forças produtivas incapazes de desenvolver-se plenamente sob o comando do capital⁶. Abre-se, assim, uma era de crise estrutural do capital”. Acompanha essa era a expansão de uma ultradireita fascista, o que coloca a urgência de igual expansão das forças da revolução democrática radical popular, única capaz de poder enfrentar à altura a revolução da antidemocracia radical. Instala-se, desse modo “a chegada da humanidade ao vestíbulo da revolução social”.

O número 9 da RFM contém dois trabalhos de certo modo complementares quanto aos temas em desenvolvimento⁷. No primeiro “*Alguns elementos de economia política da reindustrialização: o caso do Brasil*” passa-se em revista o desenvolvimento histórico recente do Brasil sob o impacto da fratura política norte-americana entre o Partido Democrático e o Republicano devido à crise estrutural do capital e sua evolução na globalização neoliberal e suas reverberações na polarização política nacional brasileira. Estas conduziram à eleição o candidato neofascista que dentre outras coisas fez aprofundar o processo de desindustrialização do país. No segundo, procede-se à resenha crítica do livro de Guerrero⁸, que trata da decadência da revolução bolivariana e do processo que culminará na morte de Chávez como decorrência, dentre outras coisas, de uma via política específica de reprodução do poder político sob Chávez. O texto retoma a crítica da teoria oficial da revolução socialista de matriz soviética, herdada da II Internacional e transformada em teoria (até o momento) dominante da transformação social promovida pelas revoluções populares e proletárias dos

⁶ A condição vital para o surgimento desse novo capital é o salto qualitativo da revolução industrial após o surgimento do quarto órgão da máquina, descoberta teórica de Sérgio Bacchi. Ver: BACCHI, S. (2020). A Crise Geral do Capital. **Revista Fim Do Mundo**, nº 1, jan. – abr. 2020, p. 23–38. Disponível em: <https://doi.org/10.36311/2675-3871.2020.v1n01.p23-38>.

⁷ LIMA FILHO, Paulo Alves. Alguns elementos de economia política da reindustrialização: o caso do Brasil *Revista Fim do Mundo* nº9, jan.-jun. 2023, p. 22-29. Disponível em: <https://doi.org/10.36311/2675-3871.2023.v4n9.p22-28>; e, LIMA FILHO, Paulo Alves. A teia assassina – um balanço da revolução bolivariana sob a óptica da teoria da transição comunista. Breve ensaio sobre o livro de Modesto Emílio Guerrero. *Revista Fim do Mundo*, nº9, jan.-jun. 2023, p. 191-214. Disponível em: <https://doi.org/10.36311/2675-3871.2023.v4n9.p191-214>.

⁸ GUERRERO, Modesto Emílio. **Crônica de um magnicídio**. Chavez, la enfermera y el edecan. 3ª ed. Buenos Aires: Ediciones Manzana, 2022.



séculos XX-XXI. Postula a apreciação de Marx e Engels de que as revoluções proletárias pós-1848 terão caráter comunista e, ao ocorrerem nos capitalismo nascidos de revoluções burguesas conservadoras, seriam *revoluções comunistas prematuras*, ocorrência que exigiria a formulação de uma teoria adequada à sua particularidade histórica. Tal fato fortalece ainda mais a necessidade de uma revolução democrática radical e popular como entrada na transição comunista, na qual a classe trabalhadora se transformaria em classe dirigente desse processo.

Através dessa opção revolucionária “o movimento comunista pode retomar seu veio emancipador, arrebatado pelas vicissitudes históricas de sua primeira fase, quando tentou superar o capital e as particularidades de suas nações capitalistas subordinadas do imperialismo e imersas na incompletude de seus capitalismo miseráveis”.

Com o intuito de contribuir para a realização dessas aspirações, observa-se que organizamos nesta décima edição uma variedade de textos, artigos, ensaios, resenhas e entrevistas, todos servindo ao propósito de estimular a reflexão e fortalecer posicionamentos críticos. Prossigamos, então, para uma breve apresentação do conteúdo desta edição.

Para compor esta edição, o Coletivo de Criação em Artes Gráficas e Audiovisual ‘*El Marrano de Barro*’ é apresentado por Ana Carolina Aguerri Borges como **Artista Convidado**. Fundado em 2013 pelos artistas Taira Rueda Cifuentes, Pablo Correa Gonzales e Mabel Novoa Chavez, o coletivo colombiano utiliza a arte gráfica para promover a luta social e defender os direitos da classe trabalhadora, abordando temas como resistência, memória e transformação social.

Na seção **Debate do Fim do Mundo**, o Professor Paulo Alves de Lima Filho inaugura com o texto “Um panorama do fim do mundo - a marcha forçada da ultradireita fascista contemporânea: a antidemocracia radical e os dilemas da democracia radical popular.” Esse ensaio analisa a ascensão da China como potência global, destacando possíveis reconfigurações na ordem mundial capitalista. O texto ressalta a dicotomia entre potências, como as ações dos Estados Unidos e aliados contra a Rússia, a crescente polarização entre forças democráticas e antidemocráticas, concluindo com a relevância da luta pela emancipação humana diante dos desafios da crise estrutural do capital.



A seção **Artigos** apresenta cinco trabalhos que abordam diferentes perspectivas sobre o Fim do Mundo. Em "Duas teorias da população no pensamento clássico: Karl Marx e Thomas Malthus", Adilson Gennari inicia um debate teórico sobre contribuições opostas ao crescimento populacional, resgatando as bases teóricas e políticas de ambos, relacionando-as com influências nos debates contemporâneos em economia e sociologia.

No artigo seguinte, Cláudio Rodrigues da Silva nos conduz ao México, mais precisamente à Chiapas, para explorar os desafios enfrentados pelo movimento zapatista na execução de seu projeto agroecológico. O autor destaca como o avanço da hidra capitalista representa um desafio crucial para o Zapatismo, promovido por diversos agentes estatais e/ou privados. Apesar das adversidades, o Zapatismo persiste na resistência, registrando êxitos na agroecologia e em outras esferas, constituindo-se como um obstáculo para a hidra capitalista ao longo de quatro décadas.

O artigo de Pablo Pereira da Silva, "Elementos estruturantes da indústria da reciclagem: limites e contradições do reaproveitamento de resíduos na sociedade capitalista", analisa a indústria da reciclagem na sociedade capitalista, destacando limites como a dependência de mercados de commodities, a responsabilidade desproporcional sobre os consumidores e práticas que priorizam o lucro em detrimento de considerações ambientais e sociais. O autor, apesar de reconhecer a importância da reciclagem na mitigação de impactos ambientais, propõe a necessidade de reformular a indústria, buscando soluções mais alinhadas com princípios de sustentabilidade e justiça social.

O quarto artigo, "Do social e do pedagógico: interlocuções sobre o programa de Animação Cultural entre os fazimentos de Darcy Ribeiro nos CIEPs-RJ (1983-1987)", escrito por Marcos Antônio Macedo de Chagas, aborda o programa de Animação Cultural desenvolvido por Darcy Ribeiro nos CIEPs do Rio de Janeiro entre 1983 e 1987. O programa visava fomentar a cultura e a participação social dos estudantes por meio de atividades artísticas. Utilizando entrevistas como base, o artigo analisa as interações entre as dimensões social e pedagógica do programa, destacando o impacto das atividades culturais na formação dos estudantes e sua relação com a sociedade. O texto reflete sobre as experiências dos estudantes, as mudanças na escola e a influência do programa no contexto educacional.

Em "O corte epistemológico de Freud: o continente-inconsciente", Lucas do Amaral discute o corte epistemológico proposto por Sigmund Freud e seu impacto na concepção de continente-inconsciente. O autor



argumenta que Freud introduziu uma nova forma de pensar sobre a mente humana ao propor a existência de um inconsciente que influencia e determina nossos pensamentos e comportamentos de maneira que não temos consciência. Esse corte epistemológico rompeu com as concepções tradicionais da mente como um continente consciente e trouxe à tona a ideia de que o verdadeiro conhecimento sobre a mente humana só pode ser obtido através da análise do inconsciente. O autor também discute a importância desse corte epistemológico para o desenvolvimento da psicanálise como uma nova forma de terapia e para a compreensão das neuroses e dos distúrbios psicológicos.

Na seção **Ensaio Crítico**, Mariane Gennari discute em "O colonialismo do século XXI: o contexto não é acessório para entender a realidade da Palestina/Israel" o atual conflito entre Israel e a Palestina, argumentando sobre a importância do colonialismo para compreender a região. A autora sustenta que a ocupação e opressão dos palestinos por Israel são manifestações modernas do colonialismo, com base na apropriação de terras, expropriação de recursos naturais e negação dos direitos básicos dos palestinos. Em seguida, Henrique Novaes traz uma reflexão importante sobre as recentes eleições na Argentina e a vitória do candidato de extrema direita, Javier Milei, em "A nova fase da ditadura do capital financeiro na Argentina: Javier Milei e os cantos da cigarra". O autor argumenta que, nessa nova fase da ditadura do capital financeiro na Argentina, Javier Milei desempenha um papel crucial, apresentando os argumentos teóricos e polêmicas que levaram à sua ascensão.

Na seção **Resenha**, Leonardo Dias Nunes apresenta a obra "A fratura brasileira do mundo: visões do laboratório brasileiro da mundialização", republicada por Paulo Arantes em 2023. O autor relembra a crise aberta após a década de 1970 e argumenta sobre a atual impossibilidade de superação do subdesenvolvimento com o fim da tradição crítica brasileira.

Por fim, na seção **Entrevista**, há duas contribuições. Em "Capitalismo brasileiro, enfim a paz! com Maria A. Moraes: O trabalhador rural paulista e a produção do ser social", os entrevistadores do IBEC conversam com Maria A. Moraes, professora aposentada da UNESP, que atualmente compõe o corpo docente da UFSCAR. De maneira descontraída e ao mesmo tempo séria, a professora Maria Moraes leva a refletir sobre o trabalhador rural em suas múltiplas facetas: enquanto ser social, oposição ao operário urbano e ser desprovido de memória formal. Nesta trajetória, a entrevistada também conta sobre sua carreira pessoal e tece reflexões importantes sobre a



escravidão, feminismo, a esquerda atual, a questão agrária brasileira, entre outros. Em seguida, em "Cuba: a história e o presente por José Luís Rodrigues", Aline Miglioli nos leva às ruas de Havana em uma conversa com o Ex-Ministro da Economia de Cuba, José Luiz Rodríguez. A partir de uma retrospectiva sobre a sua vida pessoal, o entrevistado conta a história da Revolução Cubana desde a perspectiva de alguém que sempre esteve ao lado de Fidel Castro e lidando com uma das principais dificuldades do país: desenvolver sua economia sem contato com o mundo ocidental e lidando com o bloqueio econômico. Ao final, José Luiz ainda traz reflexões importantes sobre o Fim do Mundo, a esquerda mundial e o lugar da América Latina na luta de classes.

Dezembro de 2023.

Coordenação do Dossiê Temático

Paulo Alves de Lima Filho | Adilson Marques Gennari
Aline Marcondes Miglioli | Ivan Lucon Jacob | Zuleica Mizael Vicente
e os Editores

